

Dois Leonardos

Camila Salles Gonçalves

Este caso clínico destaca uma experiência contratransferencial com um analisando que está em momento regressivo: considera também a questão da temporalidade, relacionada à regressão e às idéias de Winnicott.

Um certo analisando deixa-me muito assustada. Quarenta e poucos anos, gosta de se arrumar. Mantinha modos e unhas polidos. Usa um celular, que desliga depois de entrar na sala, corrente de ouro e anel de brilhante. Tem vivido estados de medo. Separou-se da mulher, tenta aprender a estar só e iniciar o relacionamento sexual com uma amada idealizada. Anda meio descomposto. Cheira a própria mão a toda hora, mexe-se muito, acaba pondo a mão no saco. Faz-me saber que perguntou para a secretária se ele é o último cliente de todo o consultório esta noite. Incauta, ela respondeu que sim. Quando me pergunta se conheço serra de marcenaria, fico gelada. Ele vai descrevendo cortes. Tento ficar fria e pergunto: -- Com quem você trabalhava na marcenaria?

Três dias depois dessas perguntas, já com um supervisor, pude rir de meu modo de encher a sala de gente. Antes, expressei o medo de que fui presa. O supervisor me perguntou se eu pensara em alguma coisa como *esquartejamento*. Eu não tinha dúvida de que sim. Creio que nomear a fantasia transferencial que eu transmitia foi praticar um *ato de liberação*¹, na medida em que me propiciou condições psíquicas de não permanecer *figée*, imobilizada por medos de outrem, de erros, e de sabe-se lá mais o quê. De meu desconhecido tão familiar? Bem provável, mas não vem ao caso aqui, no que diz respeito a suas particularidades. Des-

Camila Salles Gonçalves é professora de filosofia, doutora pela USP, psicóloga, psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, autora de *Desilusão e história na psicanálise de Jean-Paul Sartre*.

congelada primeiro pela supervisão, pude prosseguir.

Leonardo tinha um medo, por ele mesmo reconhecido, de ficar só. Na noite em que me assustou, preparava-se, pela primeira vez na vida, salientava, para ir dormir sozinho. No primeiro casamento, lá pelos deztoito anos, deixou a casa dos pais porque já estava *meio* morando com uma mulher que tinha profissão, apartamento montado etc. Infância com muitos irmãos, pobreza extre-

kafkiana. Esta pode ser também pensada como *demoníaca*, como *retorno do mesmo*, como *império da compulsão à repetição*, que “se exterioriza ainda com muita nitidez nas aspirações da criança pequena e que governa a análise dos neuróticos em uma parte do seu decurso”². Admitir a possibilidade de estados psíquicos primitivos se reestabelecerem³ permite supor que algo primordial e imorredouro tenha contribuído para a pesada vi-

Creio que a presença de outra pessoa representava, ao mesmo tempo, espionagem e apaziguamento. Uma descrição de seus anseios e temores serviria também para sugerir a existência da pulsão gregária. Esta, “falsa pulsão”, já foi convincente por se basear na experiência de analistas que escutaram histórias “em que as crianças são muitas numa mesma casa”⁴. O movimento rarefeito de uma clínica, onde trabalhavam mais de dez profissionais que, em outros horários, eram aguardados por muitos, parece ter sido a ocasião oportuna para intimidade e terror. Nós três apenas no consultório, ele, a funcionária e eu, a analista, fosse eu quem fosse. O irromper da sexualidade assombrada por ameaças pode me atingir em cheio. Minha defesa: recorrer ao poder do imaginário e encher o consultório, de gente e de rotina anterior à impressão de *after hours*, forçando-o a uma referência que trouxesse companheiros de trabalho na serraria, irmãos, cotidiano. O que vem fazendo esse homem, na vida de que fala, senão cercar-se de gente o tempo todo? Vinha tentando se separar da segunda mulher, com quem trabalhava numa firma cheia de funcionários, mas não tinha conseguido passar uma noite inteira dormindo na sala. No meio da noite, ia ficar com ela na cama de casal, trocando os pés pela cabeceira da cama, vítima de sono entrecortado. *Folie à deux?* Loucura minha, mandá-lo de volta para a horda.

Inevitavelmente, na sessão que se seguiu, minha escuta era consciência da relevância de efeitos do erro, da manobra de desviar a análise do olho do furacão. Tinha sido feita a sua travessia, apesar de meu recuo? Fora superado e conservado, talvez. Sem jeito, o analisando me falou das dificuldades nas primeiras experiências de relacionamento sexual com a amada. Um garoto em con-

Admitir a possibilidade de os estados psíquicos primitivos se re-estabelecerem permite supor que algo primordial e imorredouro tenha contribuído para a pesada vivência transferencial.

ma, história de camas sempre compartilhadas. Já manifestara fantasias persecutórias, sensação de sufoco no dia a dia. Creio que ele andava às voltas com terrores primitivos, para além da ex-pressão que haviam encontrado nas queixas a respeito da vigilância oni-presente da segunda mulher, que tinha *olheiros* entre os funcionários, e dos sinais de que ela fazia *ma-cumbas*, encomendava *trabalhos*.

Meus relatos levavam o supervisor a imaginar uma atmosfera

vivência transferencial, que se instalou como que por magia. O analisando não me trouxe, então, uma cena recordada. Não uma imagem apavorante, mas um clima, que quase se encaixa em uma nova versão de *Totem e tabu*. Porém, na sessão seguinte, nada de ominoso à vista. Predomínio do jovial, pulsando.

Leonardo aportara antes no infantil, ancorado na esperança mágica de que, com alguém por perto, os malefícios que rondavam seus segredos não se manifestariam.

fidências, desejando instruções. O ânimo da puberdade. Uma recordação da clínica pode ser só isso. Enquanto recordação, pode ser literatura, abrir-se para associações que chegam até Madame Edwarda, de Bataille, a que inicia o filho para além de qualquer quotidiano, isto é, para além da vigência da representação.

Se o século XIX podia fazer reverberar na obra de Freud uma fantasia de desejo da puberdade, segundo a qual a própria mãe, introduzindo o juvenzinho na vida sexual⁵, salvava-o dos perigos do onanismo – às vezes denunciado pela intensa atividade das mãos – por que não poderia, o nosso Leonardo, de criação antiquada, estar à mercê de um estado de coisas semelhante?

No *Leonardo* de Freud, detive-me mais uma vez no parágrafo que descreve o momento em que o artista visualiza o sorriso alegre e sensual de uma mulher. Este teria despertado a recordação de um sorriso semelhante, o sorriso da mãe. O acontecimento teria tido um poder transformador extraordinário, na vida psíquica e na existência de Leonardo da Vinci. O efeito teria sido o de ele recuperar a pulsão que animara seus trabalhos artísticos iniciais, em que a sutileza de um sorriso feminino mostrava-se nas primeiras formas criadas. Datadas a partir dessa inflexão regressiva da trajetória pulsional, a *Monna Lisa* e a tela com Santa Ana, a Virgem, o menino e o famigerado corvo, descoberto por Oskar Pfister. Sabemos que *Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci*, obra prima, foi realizada a partir de pesquisas e fantasias de Freud, ensejadas por anotações em um diário do artista. Nas ousadas digressões do texto, acompanhamos a sugestão do processo que se desencadeia na psique de Leonardo, culminando, por assim dizer, na ativação de seus estratos mais profundos. Ocorre uma espécie de reenergização da criatividade artística a partir da *regressão*: "com o

auxílio de suas moções eróticas mais antigas, alcança o triunfo de superar de novo a inibição em sua arte"⁶. A escrita freudiana serve-se do mesmo tipo de imagem esfumada, um certo sorriso, para ilustrar, tanto o encontro com a mulher que permite à personagem principal recordar, quanto o resultado último daquilo

que caracterizam "a atividade das pulsões inconscientes: o caráter insaciável, a rigidez inexorável, a falta de habilidade para se adaptar às circunstâncias objetivas"⁸. Esta fase corresponde a uma "substituição regressiva", que ocorre após a perda do protetor, o duque Ludovico, o Mouro, um substituto do pai. Tudo

A explicação psicanalítica segue o veio das recordações da infância, sejam estas fantasias ou não, pressupondo que àquilo que se crê recordar subjazem traços significativos do desenvolvimento psíquico.

que desperta com a recordação, os famosos *sorrisos leonárdicos*, misteriosos, fascinando pela estranheza, sugerindo o ambíguo, a ternura sem limites e seu destino funesto.

Viver, criar, depois da *regressão*. No caso Leonardo, o movimento regressivo dá-se na direção de estratos psíquicos que são "ainda mais profundos"⁷ do que aqueles atingidos por um momento regressivo anterior, a saber, aquele que leva a personagem a se voltar para a investigação científica. Na novela freudiana, recordemos também, ao ir separando a investigação da arte, Leonardo foi personificando traços

se passa então como se o Leonardo cientista, obsedado por experimentos e descobertas tivesse perdido o patamar da *segunda sublimação*. Esta, numa espécie de ascese do destino das pulsões, perfazia o estilo do pintor produtivo e viril que, na juventude bem amparada em Milão, criava sem inibições. O caminho da *primeira sublimação* teria sido encontrado já na infância, dirigindo Leonardo para a investigação, transformando a libido em esforço para saber⁹.

A intenção declarada de Freud é elucidar as inibições que teriam marcado a vida sexual e a atividade

artística de Leonardo da Vinci. A explicação psicanalítica segue o veio das recordações da infância, sejam estas fantasias ou não, pressupondo que aquilo que se crê recordar subjazem traços significativos do desenvolvimento psíquico, isto é, pulsional. Focos do texto incidem sobre imbricações entre *inibição*, *repressão* (*Verdrängung*), *regressão*, e *sublimação*. Quero, além da breve referência à inibição atribuída à atividade pictórica de Leonardo e de sugestões implícitas da timidez existencial de meu analisando-personagem, retomar o uso dos três conceitos subseqüentes.

deste esboço de novela, ambientada na clínica paulistana, com sotaques (ainda, graças a Deus) de Brás, Bexiga e Barra Funda? Talvez sim, talvez por isto interesse. Apesar de sua vontade de saber a respeito do consultório, Leonardo não é um investigador. É um vendedor, filho de *uweiro*¹⁰, membro de família migrada para a capital, que precisa se juntar apertado para dormir. Era empregado, junto com os irmãos, para serrar, serrar, e também para vender utilitários e badulaques, com toda a simpatia e polidez. Como vendedor, chegou à empresa da segunda mulher e a conheceu.

Entretanto, ele também me fez sorrir não abertamente, com seu pedido de lição de amor. Foi transitivo, dos prenúncios animais, ao alvoroço com as expectativas de encontro romântico. Imagino que a regressão tenha trabalhado a favor do surgimento de uma crença, benéfica para o seu sono, suficiente para liberá-lo da verificação angustiada, para que não mais duvidasse de que os membros de seu corpo estavam lá todos, inteiros, fazendo parte dele. Reversão, nesse caso, da fantasia terrorífica que traz imagens de membros seccionados, cabeça cortada, mão separada do braço. Esta, por sua vez, já foi interpretada por Freud como transmutação da fantasia de viver no ventre materno¹¹. Se a suposição, nestes termos, não pode ser convalidada pela fala do analisando, eles podem, não obstante, indicar uma pausa no seu desassossego. Não é preciso seguirmos ao pé da letra as elocubrações freudianas de um certo momento, nem seus corolários. Mas temos a possibilidade de conceber a fase da castração, revisitada, como uma situação psíquica vivida entre a ameaça de perda de integridade, de *inteireza*, e a extrema necessidade de proteção. Após ter dormido melhor, Leonardo falou comigo como se eu pudesse ser uma orientadora disposta a ajudá-lo com *dicas*. Teria voltado à mãe boa, a que pode salvá-lo, e à que pode fazê-lo, transgredindo.

Leonardo vendia seus bons modos, como ficou evidente desde o início. Vendia muitos artigos para mulheres. Mostrara-se capaz de assujeitar a pulsão sexual, “permutar sua meta imediata em outras, mais bem aceitas e não sexuais”¹² e de exibir seu sinal inofensivo, o jeito sedutor. Mas algo se decompunha, quando transpôs a porta de nossa sala com um olhar selvagem.

É claro que esta história é produto de uma espécie de metapsicologia noturna, visando aquilo com que as aventuras da transferência podem se deparar. Os textos

O que quer Leonardo de uma mulher? Nem sei se, no momento em que me fez sentir medo, medo de ser cortada, eu estava sendo para ele uma mulher.

Revelei, ainda que sem detalhes, uns poucos dados da auto-biografia que meu cliente foi apresentando. A situação clínica, com ele vivida, presta-se a indagações a respeito das teorias das vicissitudes pulsionais e de seus pressupostos. *Miséria da sublimação*, a temática

Assim, depois que o pai-patrão se foi, teve dois casamentos com mulheres que se revelaram malvadas, perigosas. O que quer Leonardo de uma mulher? Nem sei se, no momento em que me fez sentir medo, medo de ser cortada, a analista estava sendo, para elê, uma mulher.

freudianos, que trazem climas e sentidos da *regressão*, podem ser apresentados como justificativa de hipóteses sobre a participação desta na cura e sobre estados de medo na contratransferência. Mas, até no plano da teoria, me despertam dúvidas a respeito do que posso comunicar a partir de um momento da clínica. Falo no *primitivo*. Mas de que modo estou entendendo o que o analisando experienciava nesse terreno? Que ele *revive* um terror primordial, que, no decorrer da análise, se rompe uma espécie de cápsula em que o passado filio e ontogenético se abrigava?

A temporalidade estranha da psicanálise

Um modo de conceber a história do analisando, e de qualquer sujeito, é atribuir-lhe “uma memória teoricamente inalterável”. Esta frase de Viderman, em meio a problemas por ele bem colocados e sintetizados, formula o ponto de vista segundo o qual a cura psicanalítica estaria comprometida com signos sempre ligados ao sentido original dessa memória, ainda que “deformados” e passíveis de serem “indefinitamente reconvertidos”. Nesse caso, acrescenta, “se a neurose é um tempo perdido, a técnica analítica tem por tarefa recuperar a história”¹³.

Se a revivência do passado não pode ter modo de ser além do metafórico e do *déjà vu* neurológico, o tema da regressão traz sérias questões conceituais e as marcas dos embates teóricos freudianos com filósofos. Exemplo destes é a discussão com a análise kantiana de espaço e tempo. Freud ensajou muitos equívocos quando se referiu ao exame kantiano das “formas necessárias de nossos atos anímicos” e descreveu o id como uma instância em que a *necessidade* dessas não se comprovaria. Sua

afirmação de que, no id, “nada há que corresponda à representação do tempo”¹⁴, há mais de um século parece fundamentar mergulhos no passado e a submissão da consciência a um inconsciente preservador do tempo que se foi.

As explicações kantianas são claras, mas a utilização de palavras

sível, para a razão, *conhecer*. Examina as condições de possibilidade do conhecimento *puramente* racional. Espaço e tempo são, com efeito, *formas necessárias*. Kant mantém o sentido escolástico de *forma*, como aquilo que ordena a sensação (*matéria*), isto é, a impressão que um objeto produz na sensibilidade.

Kant não duvida de que todo conhecimento começa com a experiência. Mas considera que isto não significa que todo conhecimento *derive* da experiência. Para trabalhar a matéria prima das impressões sensíveis, é necessária uma condição subjetiva que as ligue.

como *forma, pura e a priori*, podem aparentar solenidade excessiva e afastar leitores não habituados ao jargão filosófico. Permito-me pois ensaiar algum esclarecimento. Kant não duvida de que todo conhecimento começa com a experiência. Mas considera que isto não significa que todo conhecimento *deriva* da experiência. Para trabalhar a matéria prima das impressões sensíveis é necessária uma condição subjetiva que as ligue, possibilitando a própria experiência. A *Crítica da razão pura* investiga o que é pos-

Demonstra que qualquer idéia, ou representação, de *tempo*, só pode se constituir se já há, *previamente*, uma representação do tempo. Assim, *o tempo é uma forma a priori e necessária*. Em si, nada é.

Espaço e tempo são *formas a priori*, isto é, que não se encontram na experiência, nem dela derivam. São *representações* que se aplicam necessariamente à experiência. Kant não trata das condições de *todos* os nossos atos anímicos ou psíquicos de um modo que possa abranger a instância psíquica concebida Freud,

o id. A intuição é o modo pelo qual o pensamento se relaciona aos objetos e a sensibilidade é a faculdade de receber – *nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu*. O que é dado é qualidade ou quantidade. A síntese associativa das qualidades representadas na intuição empírica constitui já uma ordem imposta no pensamento. O tempo é uma representação necessária que serve de fundamento a todas as intuições. É compatível com a metapsicologia freudiana imaginarmos que nem há intuição sensível do id, nem o id é capaz de intuição sensível. Se as

de nós mesmos e de nosso estado interior. Tudo o que pertence às determinações internas é representado segundo as relações de tempo.

Não creio que um sujeito possa ter intuição pura do próprio id. Aliás, admitindo a obscuridade de suas tentativas de formulação, Freud afirma, a respeito das “moções de desejo” e das “impressões fundidas no id por meio de repressão”, que “só é possível discerni-las como *passado*, desvalorizá-las e retirar sua caxetia quando se tornaram conscientes por meio do trabalho analítico”¹⁵.

É claro que as emanações do

zador da psicanálise. Como tal, é necessariamente dotado da condição *a priori*, universal, de reunir o apreendido pela *sensibilidade*. Ou seja, só é capaz de conhecer a partir das formas *a priori* necessárias, espaço e tempo, que precedem a experiência e a possibilitam. O analisando, tanto quanto o analista, só pode conceber um passado, a partir de uma forma *a priori*.

Entretanto, voltando ao discernimento do passado feito pela consciência a que se refere Freud, é preciso admitir que situar nele uma vivência é reconhecer sua inacessibilidade. Mesmo se há um id que não o pode distinguir do presente, uma vez estabelecido, o passado é o que consumiu suas possibilidades, como diria Jean-Paul Sartre. Só existe para um *eu*, que *tem* aquele passado, e está em condições de se referir a um *eu era* ou de imaginá-lo. A imaginação de Proust, a de um e outro Leonardo, não pode penetrar no passado, mas apenas recriá-lo e, nesse ato psíquico, determinar a *coloratura* da *talking cure*.

Entrar nos caminhos da apreensão da temporalidade, de modo bem e mal traçado, constitui um desvio metapsicológico essencial, na medida em que leva ao exame dos fundamentos teóricos do conceito de *regressão*. Entretanto, prosseguir acarretaria um afastamento excessivo da clínica, incompatível com o momento e o espaço deste artigo. Por ora, apenas utilizo a idéia de que o tempo (necessariamente) mítico de estruturação da neurose faz sua *rentrée* por meio da transferência. A história, carregada de afeto, diz-se, que o analisando se conta, raro foi bem assim, admite-se. Nós, analistas, estamos habituados a reexplorar teorias que definem o trauma e o acontecimento, necessariamente situados no *passado*. A história de um evento marcante para o analisando pode, por exemplo, ser trazida em bloco, discursivo, em fases iniciais da análise, ou surgir através de um ato falho que dá a

Entrear nos caminhos da apreensão da temporalidade, de modo bem e mal traçado, constitui um desvio metapsicológico essencial, na medida em que leva ao exame dos fundamentos teóricos do conceito de *regressão*.

moções do id podem ser chamadas de *atos anímicos*, elas não tem, por definição, possibilidade de serem ordenadas por uma forma ou representação *a priori* que reúne o recebido pela sensibilidade.

Segundo Kant, o tempo não existe em si, é somente a intuição

id, tanto quanto a vivência psíquica de um bebê-constructo, tanto quanto o caos regressivo que se pressupõe estar vivendo um paciente, só podem ser referidas, comunicadas, tornar-se objeto de reflexão etc. porque o sujeito que a elas se refere é um sujeito cognoscente, um teóri-

sua pista. Equivale a crenças que se repetem, abaladas de modo insuficiente por reexames anteriores do analisando, se é que os houve. Penso que a narrativa e a fantasia inconsciente são formas de *amarração* do vivido, eficaz defesa contra a voragem do excesso pulsional.

Tudo se passa como se, no *colapso*¹⁶, a sobrevivência psíquica trouxesse a marca de um retorno ameaçador ao caos do processo primário, um retorno que já teria ocorrido. Mas só entramos em contato com esta suposta marca por meio de *flashes* imprevisíveis, da quebra da linearidade autobiográfica do analisando. São perfis apenas, modos de se dar do fenômeno que a transferência, forma de contato e percepção, possibilita.

A cura, um dos possíveis da regressão

Posso ter me deparado com um Leonardo mais verdadeiro, que me surpreendeu, como meus pequenos analisandos procuram fazer, com os pais e outros acompanhantes, quando voltam à sala de espera. Toda criança gosta de pregar susto. É sinal de que *sabe* muito bem com o que está brincando. Mas já tem amnésia infantil. Desconhece a constituição desse saber, a hora em que se deu, o modo pelo qual se pode estabelecer. A partir de fragmentos, faz-se, às vezes, a construção em análise. De minha parte, consigo, às vezes, não impedir que um Leonardo possa espiar seu “monstruário de fomes enredadas”¹⁷. Sentidos de sua história cheia de gente e os sinais de regressão que observo levam-me a retomar a questão da regressão na cura.

Não cabe agora apresentar uma pesquisa bibliográfica. Restrinjo-me a fazer uso livre da idéia de um mestre que, sem romper com a de Freud, afina os sentidos da regres-

são. Entre altos e baixos, sucessos e fracassos, o sujeito poderia ser marcado por pontos de fixação da libido, não, ao longo de sua existência, mas ainda em sua constituição original. A fixação estaria relaciona-

mesma, que não flui, como se as interações favoráveis à sua superação tivessem consumido suas possibilidades.

A regressão que ocorre no processo da análise, ao *retornar* àque-

A situação congelada
é presente. Determina o presente
transferencial, aquilo que não acontece,
que não se passa
entre mim e o analisando.

da com a ocorrência de trauma em fases pré-genitais. A ansiedade insuportável, vivida em estádios posteriores, poderia acarretar a regressão a uma destas e produzir a *situação congelada*. Winnicott¹⁸ ressalta a importância de se compreender o narcisismo primário referido ao desenvolvimento do ego, o que não permite deixar de lado o meio ambiente. Este deveria ter a função de propiciar um *holding* naquela etapa. Falhando, daria lugar a um tipo de organização defensiva, inseparável, portanto, do fracasso ambiental. Penso na *situação congelada* como uma área repetitiva, igual a si

la situação, permitiria, ao meio ambiente atual, pôr-se a serviço da retomada do desenvolvimento da libido. Mas creio que *aquela situação*, na direção da qual a regressão se dá, é concebível como um mito, no sentido da *Poética* de Aristóteles: simplesmente uma reunião de fatos, não importa se verídicos ou não, que se torna a matéria prima da tragédia. A *situação congelada* é presente. Determina o presente transferencial, aquilo que *não* acontece, que *não* se passa entre mim e o analisando. O retorno mítico que este realiza, a busca da chave de seu desbloqueio, é uma figura da poética

psicanalítica. A esperança, de o movimento regressivo integrar de modo favorável o curso da análise, baseia-se nas condições do *setting* e do analista para propiciarem segurança. A análise traz a “possibilidade de correção do fracasso original”¹⁹. Falei de uma analista apavorada. Mas não acho impossível que as verificações de Leonardo, em re-

Na nossa história, por um feliz acaso, alteram-se as características rotineiras do consultório, mimetizando a ausência de contornos primordial e facilitando o curso da análise.

lação ao espaço e às presenças do consultório, constituíssem, para ele, um modo de se reassurar, de se tranquilizar e de confiar. Além dis-

so, às voltas com uma excitação acumulada, versão *pensável* do *primitivo*, teria sido levado a buscar amparo com intensidade proporcional. Também considero plausível que a prática do método psicanalítico até então, mesmo com falhas outras despercebidas, tenha permitido uma travessia para ele, fosse à custa de *me transferir* o medo. Poderia, talvez, quem sabe, escapar da segunda mulher, suposta virago em que se apoiara, numa dependência acachapante, preparar-se para amores juvenis.

Mencionar a *sublimação* na ambiência de Leonardo da Vinci não me deixa à vontade. Mas sua trajetória, imaginada por Freud, é o que me move, no terreno das conjecturas sobre mudanças de meta. Leonardo, o do consultório, esqueceu-se dos modos mais bem aceitos. Ia perdendo o verniz, ao encontro de maneiras vívidas de se apresentar. Talvez aquele destino da pulsão, via de regra considerado possível apenas para alguns indivíduos geniais, facilite, por contraste, conceber a intensidade primitiva. À medida que algo se desfaz no *falso self* que me tinha sido entregue²⁰, expressões virulentas irrompem, suprimem a inibição e ameaçam a repressão indispensável para o convívio habitual. Na nossa história, por um feliz acaso, alteraram-se as características rotineiras do consultório, mimetizando a ausência de contornos primordial e facilitando o curso da análise. “Não existem razões pelas quais um analista deva *querer* que um paciente regrida”²¹. Mas já que não me aconteceu afastar-me a ponto de ordenar a Leonardo que sentasse direito, arrumasse suas meias ou tivesse compostura, resta-me refletir a respeito do susto na contratransferência. Passando ao largo da metapsicologia da criatividade sublime, comunico este interesse pela regressão, primeira e segunda, movimento de resgate de pulsões, que permite *descoisificar* a vida libidinal, adolecer talvez. ■

NOTAS

1. M.Uchitel, *Além dos limites da interpretação*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997, p. 146.
2. S. Freud, *Lo Ominoso* (1919), in *Obras Completas*, XVII, Buenos Aires, Amorrortu, 1994, p. 259.
3. S. Freud, “De guerra y muerte”(1915), in *Obras Completas*, XIV, p. 287.
4. “Muitos autores sustentam que existe uma ‘pulsão gregária’, particular, inata!...!A psicanálise vê-se obrigada a contradizer essa tese.” - S. Freud, *Dos artigos de enciclopédia: ‘Psicanálise’ e ‘Teoria da libido’* (1923), in *Obras Completas*, XVIII, *op. cit.*, p. 252. O *instinto gregário* “forma-se unicamente quando as crianças são muitas numa mesma casa e a partir de sua relação com os pais” - S. Freud, *Psicología de las masas y análisis del yo*, in *Obras Completas*, XVIII, p. 113.
5. “A fantasia é a de que oxalá a própria mãe introduza o jovencinho na vida sexual para salvá-lo dos perigosos danos do onanismo”. Freud prossegue, comentando um conto de S. Zweig: “O ‘vício’ do onanismo é substituído pela mania do jogo, derivação esta que se evidencia na insistência na atividade apaixonada (*triebhaft*) das mãos” (tradução modificada) - S. Freud, (1927), *Dostoievski y el parricidio*, in *Obras Completas*, XXI, p. 190.
6. S. Freud, *Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci* (1910), in *Obras Completas*, XI, p. 124.
7. S. Freud, *op. cit.*, p. 124.
8. S. Freud, *op. cit.*, p. 124.
9. S. Freud, *op. cit.*, p. 125.
10. *Uveiro*, originariamente *vendedor de uvas*. Segundo uso na região de que L. provinha, vendedor ambulante de pequenos objetos, espécie de mascate.
11. S. Freud, *Lo ominoso* (1919), p. 243.
12. A pulsão sexual “é dotada da aptidão para a sublimação; ou seja, é capaz de transformar sua meta imediata em outras, que podem ser mais bem accitas e não sexuais” - S. Freud, *Un recuerdo de infancia de Leonardo da Vinci*, XI, p. 72.
13. S. Videman, *La construction de l'espace analytique*, Paris, Gallimard, 1982, p. 25.
14. S. Freud, “31a. Conferência”, in *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis* (1933), in *Obras Completas*, XXII, p. 69.
15. S. Freud, *op. cit.*, p. 69 (grifo meu)
16. “Afirmo que o medo clínico de colapso é o medo de um colapso que já foi experimentado. É medo da agonia original que deu origem à organização de defesa, que o paciente ostenta como uma síndrome de doença...” - Winnicott, W., “Fear of breakdown” (1974), apud M. Masud R. Khan, in “Prefácio”, in W. D. Winnicott, *Textos seleccionados: Da pediatria à psicanálise*, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1978, p. 39.
17. Um poema de Drummond, “Mineração do outro”, sugere o que pode estar aí: “Não o decifras, não, ao peito ofertado, monstruário de fomes enredadas, ávidas de agressão, dormindo em concha.” - Carlos Drummond de Andrade, *Lição de coisas*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1962, p. 46.
18. W. D. Winnicott, *op. cit.*, p. 466.
19. W. D. Winnicott, *op. cit.*, p. 463.
20. “Eventualmente, o Falso Self é entregue ao analista. Esta é uma época de grande dependência e risco verdadeiro e o paciente se encontra naturalmente em estado profundamente regredido. (Por regressão, neste caso, quero dizer regressão à dependência e aos processos iniciais do desenvolvimento).” - W. D. Winnicott, *op. cit.*, p. 31.
21. W. D. Winnicott, *op. cit.*, p. 476.